

**O MUSEU EM PROCESSO:
ORALIDADES NO USO PEDAGÓGICO DO MUSEU DE ARTES E
OFÍCIOS EM BELO HORIZONTE/MG**

**MUSEUM IN PROCESS: ORALITIES IN EDUCATIONAL USE OF ARTS AND CRAFTS
MUSEUM IN BELO HORIZONTE/MG**

Jezulino Lúcio Mendes Braga¹

Resumo: Esse artigo apresenta a experiência de uma professora da educação básica que faz uso pedagógico dos museus para ensinar história. Trata-se da professora Cora que desenvolveu com alunos do EJA o projeto *Desvendando o Primeiro de Maio*, usando como estratégia a metodologia da história oral, leitura de textos e visita a exposição do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte. Com esse projeto a professora oportunizou aos estudantes do EJA a narrativa de suas memórias em diálogo com a história ensinada em sala de aula. O artigo também apresenta a concepção de museu em processo que vem sendo difundida nos textos da museóloga Tereza Scheiner. Essa concepção serve de base para pensar as atividades desenvolvidas pela professora Cora que estimulou a produção de narrativas autorais dando novo sentido a exposição museal e dialogando com os conteúdos curriculares propostos para a educação básica. A metodologia da história oral foi usada nas ações desenvolvidas no projeto.

Palavras chaves: Museus. Ensino de história. Experiência.

ABSTRACT: This paper presents the experience of a school teacher who makes pedagogical use of the museums to teach history. The teacher named Cora developed with EJA students the project *Desvendando o Primeiro de Maio* using as strategies oral history methodology, reading of texts and a visit to the *Museu de Artes e Ofícios* exhibition in Belo Horizonte. With this project the teacher created opportunities for EJA students to relate the narratives of their own memories to the history taught in class. The paper also presents the museum conception in process of developed by the museologist Tereza Scheiner. This conception works as a basis for reading the activities developed by Cora, which stimulated the authorial production by the students. The students' production gave new meanings to the museum exhibition and dialogued with the official content proposed by elementary school. The oral history methodology was used in the actions developed in the project as well as in the elaboration of a documentary.

Keywords: Museum. Teach history. Experience.

¹ Professor da Escola de Ciência da Informação (UFMG). Curso de Museologia. Doutor em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha).

Introdução

Esse texto apresenta a experiência de uma professora da educação básica no uso pedagógico do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte. A professora Cora é formada em uma Universidade Pública e faz uso constate dos museus para ensinar história.² Considera que o uso dos museus pode provocar outros sentidos no processo de aprendizagem e dessa forma potencializar os conteúdos escolares em processos reflexivos que conduzam a um ensino de história crítico para o exercício da cidadania.

Com o desafio de ensinar história para adultos a professora elaborou um projeto que intitulou *Desvendando o Primeiro de Maio*. O projeto foi elaborado por exigência da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, mas também foi fruto de um desejo pessoal de investigar as relações de trabalho com alunos em processo de alfabetização. Essa vontade foi despertada em sua formação inicial quando leu um texto sobre uma experiência envolvendo a história do trabalho e alunos da EJA.

O projeto foi desenvolvido com metodologias diversas: leitura de textos didáticos, livros historiográficos, visita ao Museu de Artes e Ofícios (MAO), entrevistas com moradores do bairro Primeiro de Maio e elaboração de um vídeo documentário. Em todo o processo esteve presente a metodologia da história oral. Na execução do projeto a professora possibilitou que os estudantes dialogassem com suas experiências na elaboração de narrativas autorais em contato com a exposição do MAO. As entrevistas foram feitas com moradores do bairro e muitos deles eram estudantes do EJA na mesma escola em que estava sendo desenvolvida a proposta pedagógica. Após a realização das entrevistas a docente juntamente com os estudantes editaram o material para a produção do documentário.

O uso do pedagógico do MAO foi interferente na execução do projeto. Os museus inscrevem-se nos circuitos culturais e sensíveis da sociedade e convidam a uma aprendizagem da cultura de maneira dinâmica e pluralista. Com sua narrativa arbitrária, podem ser locais privilegiados de aprendizagem histórica. De acordo com Junia Sales Pereira, os museus estão inseridos

² Esses dados foram coletados para minha tese de doutorado intitulada *Professores de História em Cenários de Experiência* defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

(...) nos circuitos culturais e sensíveis da sociedade, compreendidos como gestos arbitrários que essa mesma sociedade realiza e, portanto, como instituições produtoras de percepções sobre a história, sobre os objetos, também sobre as impermanências dos rastros (PEREIRA, 2010, p. 2).

Nos museus, os professores de história têm material necessário para a reflexão sobre os gestos de salvaguarda e esquecimento, em uma narrativa visual constituída por cenários previamente elaborados para provocar nossos sentidos. A curadoria elabora argumentos apresentados e subvertidos pelos sujeitos que visitam o museu. Os visitantes propõem outras narrativas provocadas pela memória e pela partilha com outros estudantes no momento da visita (PEREIRA, 2007).

As galerias do museu são entrecortadas por várias vozes, algumas mais eloquentes, outras mais silenciosas, que alteram a narrativa inicialmente proposta pela curadoria. O museu, assumindo seu caráter educativo, convida o visitante a tomar posição, constituindo itinerários pedagógicos não totalitários, mas dialógicos. Nessa perspectiva, a instituição lança mão de todos os recursos expositivos disponíveis (PESSANHA, 1996).

Os museus potencializam experiências sensíveis mesmo que organizados sob uma lógica racional, presentificando lembranças por meio do canto das musas, concepção que ultrapassa o encapsulamento dos museus em espaços físicos de guarda, preservação e comunicação de coleções. Essa ideia vem sendo difundida pela museóloga Tereza Scheiner que entende o museu como um processo, como um espaço perceptual que abre possibilidade para fenômenos ligados à memória, criatividade, inventividade, imaginação, ou seja, de celebração do humano.

1. O Museu e seus Cantos: por um museu em processo

Os museus são reconhecidamente instituições de memória que se justificam pela preservação de coleções e exposição ao público. Sua origem mítica esteve ligada ao Templo das Musas (Mouseion), local destinado à adoração das nove musas filhas de Mnemosine e Zeus. Aproximando desse conceito temos o museu

como uma instituição de salvaguarda que sacraliza os objetos a despeito das ressonâncias que provocam em quem visita suas exposições. Afastando dessa ideia buscamos um museu que presentifica as musas, um local físico em Delfos onde as musas falavam através das pitonisas e, portanto, presentifica as lembranças encarnando as experiências dos sujeitos que visitam os museus (SCHEINER: 2008).

Nesse artigo, partimos das considerações de Tereza Scheiner (2008) que defende um museu em processo; um museu dionisíaco e apolíneo, pois a despeito de sua lógica racional permite nossa abertura para as coisas do mundo por meio do fenômeno da memória e lembrança (SCHEINER, 2008). Scheiner (2008) redimensiona a origem mítica dos museus a fim de mostrar que, para além de um espaço físico de adoração às musas, o *Mouseion* é um espaço de presentificação das ideias e de recriação do mundo por meio da memória. Segundo a autora o *Mouseion* estava ligado ao culto à Apolo e Dionísio na Grécia antiga.

O primeiro Deus é cultuado presidindo a atividade das musas que são as responsáveis no panteão grego pela manutenção do universo. As musas são palavras cantadas: "expressão criativa da memória via tradição oral, trazidas a luz da consciência pela ação dos poetas, para tornar presentes os fatos passados e futuros, reinstaurando o tempo e o mundo a partir de sua origem" (SCHEINER, 2008, p. 39). As musas recuperam o ser do não ser (esquecimento), revelando continuamente a presença das coisas no mundo.

Já Dioniso teria sido aprisionado pelos Titãs, que o despedaçaram, ferveram em um caldeirão e devoraram suas partes. Nesta mesma batalha, Zeus, o pai de Dioniso, fulminou os Titãs com seu raio. Depois deu o coração de Dioniso ainda pulsante de vida à mortal Sêmele que o engoliu e iniciou uma gestação em seu ventre. Tratava-se de um novo Dioniso que nasce do ventre de Sêmele representando a abertura do mundo ao poético, à arte e à espontaneidade humana. Para Scheiner, Dioniso é o deus que se manifesta, aparece e dá a conhecer, rompendo com os mistérios do mundo por meio da emoção e da sensibilidade. Já Apolo dá equilíbrio e razão, colocando ordem nas coisas que estão no mundo.

Em Nietzsche, o mundo apolíneo representa, também, processos de individuação, a partir do momento que o sujeito toma consciência de si. Para o

autor, Apolo – deus da beleza cujos lemas são "Conhece-te a ti mesmo" e "Nada em demasia" – é a imagem divina do princípio de individuação. O oposto seria a reconciliação das pessoas umas com as outras e com a natureza, trazida por Dioniso, que é a possibilidade de escapar da divisão e da individualidade (MACHADO, 2005).

Dessa forma, podemos compreender Apolo como a experiência individual, o fechamento em si mesmo, e Dioniso como as relações intersubjetivas, a abertura para o mundo. E assim, ao recuperar estes dois deuses na origem mítica dos museus, Scheiner (2003) defende a relação existente entre o ser humano e as coisas do mundo como diálogo mais profundo que o museu pode proporcionar. Para além de todos os aparatos interativos presentes no museu, Scheiner propõe o olhar para a experiência humana entendendo o museu como fenômeno que "(...) remete à possibilidade de percebê-lo através da experiência de mundo de cada indivíduo- por meio das múltiplas e complexas relações que cada ator, ou conjunto de atores sociais estabelece com o real complexo" (SCHEINER, 2003, p. 1).

Baseando nessas considerações podemos pensar o museu como processo e não como um produto, ou seja, para além de seu caráter institucional, de seus acervos e processos curatoriais (também essenciais ao museu) deve-se pensá-lo como fenômeno, em constante transformação nas relações que estabelece na sociedade. Nesse caminho, rompemos com a visão de um museu organizado para influenciar padrões culturais, sociais e estéticos a partir do espetáculo e privilegiar um paradigma em que o sujeito possa partilhar com o museu a sua existência no mundo (SCHEINER, 2008). Pelo museu podemos ver como as sociedades resolveram seus problemas existenciais ou como tentaram controlar as coisas do mundo, ou até mesmo a sua incapacidade de se agruparem e manterem laços de solidariedade entre si.

Em museus classificados tipologicamente como de história, a exposição é montada para proporcionar uma narrativa visual relevante para o levantamento de problemas na relação entre o passado, o presente e o futuro. No contato visual com a exposição os sujeitos elaboram a consciência histórica, entendida como a capacidade humana de ter consciência da historicidade de todo presente e de relativizar toda opinião. O modo como olhamos para o campo de experiência e o diferenciamos do vivido, ajuda-nos a revelar as implicações do pretérito no

presente entendidos como ordens temporais distintas e de acordo com Gadamer é uma forma de superar de "(...)modo consequente a ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual, adotando a perspectiva de nossas instituições, nossos valores e nossas verdades adquiridas" (GADAMER, 2003, p. 18).

A nossa atitude em relação ao passado é sempre interpretativa, uma vez que é necessário olhar para além do sentido imediato do que nos é oferecido como informação. Nos museus, o que nos é oferecido a olhar nos exige uma atitude interpretativa, posto que: "o diálogo que travamos com o passado nos coloca diante de uma situação fundamentalmente diferente da nossa-uma situação estranha diríamos-que consequentemente exige de nós um procedimento interpretativo" (GADAMER, 2003, p.20). Como uma experiência sensível, essa interpretação é constituída por nossas lembranças provocadas pelo contato visual com o acervo dos museus. No museu, para além da narrativa visual, ocorrem os fenômenos miméticos de lembrança, esquecimento, espanto, horror, encantamento, pós memória, entre outros provocados pelo contato com a exposição.

Nesse artigo o museu é entendido como processo e não como produto. Não restringiremos o conceito de museu ao acervo e espaço físico. Para além dos processos curatoriais, interesse do público e capacidade técnica, a dimensão simbólica revela que o museu é espelho de diferentes categorias de representação social, entendido como processo capaz de assumir diferentes formas e apresentar-se de diferentes maneiras, de acordo com os sistemas de valores priorizados em cada sociedade. Acompanhamos as concepções de Tereza Scheiner, que propõe entender o museu como:

(...) fenômeno, o museu processo, o museu que independe de um espaço e de um tempo específicos, mas que revela de modos e formas muito definidas como espelho e símbolo de diferentes categorias de representação social. Compreender que Museu (fenômeno) não é o mesmo que Museu (expressão limitada do fenômeno) permite-nos aceitar que ele assume diferentes formas; permite-nos, ainda, prestar atenção às diferentes ideias de Museu, presente no universo simbólico dos diferentes grupos sociais (SCHEINER, 2008, p. 41).

Para além das exposições com seus aparatos interativos e outras soluções expográficas é preciso pensar nos fenômenos provocados em uma situação de visita aos museus. Por meio de seus cantos as musas proporcionam experiências diversas que se dão através do plano afetivo, o modo de fruição individual dos sujeitos que transitam pelo museu. Nesse texto, apresentamos o uso pedagógico do Museu de Artes e Ofícios por uma professora da educação básica de uma escola periférica de Belo Horizonte que se abriu às experiências proporcionadas pelas musas investindo em uma metodologia dialógica e participativa com alunos do EJA.

A ideia de um museu em processo que convida à experiência e que nos encarna, rompe com a objetividade pretendida no momento em que o professor planeja a visita. Em processo, a exposição museal admite subversões feitas pelos sujeitos portadores de experiências, que dão novos sentidos aos conteúdos de história que aprendem nas escolas. Os professores, por sua vez, admitem estas subversões e as relacionam aos conteúdos curriculares baseados no saber referente. Há, nesse caso, produção de um conhecimento original, que é consolidado na escola na fase pós-visita.

2. O projeto Desvendando o Primeiro de Maio e o uso da metodologia da história oral

Muitas vezes o uso pedagógico do museu limita-se ao processo ilustrativo dos conteúdos escolares. Superar esta limitação requer dos professores criatividade, problematizando a exposição e mobilizando ideias na continuidade da visita no retorno à sala de aula. Por meio de uma concepção de museu em processo com suas diversas linguagens, na qual o sujeito é um andarilho e os objetos são ideias moventes, tocantes e provocadoras (PEREIRA, 2007), o museu deixaria de ser um espaço apenas de curiosidade que transporta o sujeito a outro tempo e possibilitaria sentir empaticamente as implicações do pretérito no presente.

Ao provocar sentidos diversos, a narrativa museal abre nova perspectiva de construção de conhecimento histórico afirmada na visualização e no discurso dos educadores de museu. Os visitantes escolares produzem narrativas na relação

subjetiva com a exposição. Há um processo de construção de conhecimento cognitivo estabelecido pelas sensibilidades no contato com a exposição e no diálogo intersubjetivo, em uma situação relacional diferente da sala de aula.

Essa forma de ensinar, por meio dos museus, desperta a curiosidade, abrindo reflexões sobre a monumentalização das fontes históricas, nesse caso, a sacralização dos objetos nas exposições e os litígios presentes nos museus. Sob esse ângulo, o professor pode pensar o museu a partir da salvaguarda e da perda, pois o que está exposto é sempre fruto de uma escolha arbitrária, vestígios de como a sociedade quer ser lembrada. A narrativa museal é um recorte, uma seleção de rastros materiais e legendas em cenários propostos para a construção de um argumento.

O uso pedagógico do museu faz parte de uma concepção ampliada de educação em que o sujeito está integrado de forma sensível ao mundo e pode refletir sobre a sua história e sobre as tramas culturais nas quais está envolvido. No museu, o ato educativo é diferente do conhecimento que a escola constrói, pois está localizado em espaço e tempo curtos, exigindo, assim, outros ritmos e outras linguagens. Abre-se espaço para um conhecimento sensível, que localiza cada sujeito no seu universo cultural em diálogo com a pluralidade de linguagens estéticas do ambiente museal. Esse conhecimento é construído na relação subjetiva e intersubjetiva que compõe uma visita pedagógica a museus.

Os museus são, também, ambientes formativos que abrem possibilidade de partilhar experiências. Por meio do uso pedagógico dos museus, os professores redimensionam sua prática, promovendo uma educação para as sensibilidades. Para Junia Sales Pereira (2008) a educação como princípio formador e humanizador é uma das finalidades dos museus, apresentando-se como uma de suas faces mais desafiadoras e instigantes: “o exercício do fazer educativo em museus é visto como oportunidade formativa porque rica de experiências, contatos e trocas que proporcionam- quando significativos- situações novas, enriquecedoras e reinventivas” (PEREIRA, 2008, p. 2).

Entrevistamos a professora Cora em contato com a exposição do Museu de Artes e Ofícios com o objetivo de perceber suas concepções sobre o uso pedagógico

do museu para o ensino e aprendizagem de história.³ Optamos por uma entrevista em percurso de visita, em dia previamente agendado com a docente. Assim, a professora Cora juntamente comigo realizamos um percurso dialogando por ambientes expositivos do museu enquanto a entrevista ocorria. O tempo da entrevista foi, então, o tempo do percurso, sendo altamente interferente em seu conteúdo. Decidimos que realizar a entrevista no museu seria uma oportunidade de dialogar com as experiências vividas pela professora em ações pedagógicas no museu, focalizando também a sua experiência pessoal dentro da instituição e mesmo diante de outros museus.

A entrevista caminhante provocou a docente a elaborar novos significados para suas práticas, mediadas por sua memória subjetiva na relação com objetos e palavras que configuram a exposição do MAO. Os sentidos despertados pela relação corpórea que mantemos com as coisas no mundo são interferentes em nossas lembranças e na percepção que elaboramos sobre o vivido.

Os cenários museus também são formativos e, através da entrevista caminhante feita para essa pesquisa, a professora Cora ressignificou suas práticas, abrindo-se a novas concepções de história e memória e dando sentido às atividades que realizam no uso pedagógico que fazem do MAO. O contato visual com a exposição em diálogo com o pesquisador configurou-se como um novo cenário, em que as ações ganharam novo significado e sentido na busca de um ensino de história sensível, crítico e reflexivo.

A professora Cora formou-se em uma universidade pública e iniciou sua carreira docente com Educação de Jovens e Adultos (EJA) em um bairro da periferia de Belo Horizonte. Segundo a professora, estudantes deste grupo específico são portadores de muitas experiências, mas carregam o estereótipo de analfabetos. Para romper com esse estigma, a docente propôs uma visita ao MAO, despertando o interesse em narrativas próprias, que faziam parte de suas histórias de vida. A visita fez parte de um projeto desenvolvido pela docente no qual pesquisou a história do Bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte.

³ Essas entrevistas foram feitas para pesquisa de minha tese de doutorado intitulada *Professores de História em Cenários de Experiência* defendida na Faculdade de Educação da UFMG em 2014.

Segundo a professora o projeto *Desvendando o Primeiro de Maio*⁴ foi realizado na Escola Municipal Josefina de Sousa Lima e fazia parte de um programa municipal:

Professora Cora: Na verdade, Desvendando o 1º de Maio começou como exigência da Prefeitura de Belo Horizonte, que as escolas fizessem um Projeto, e as duas propostas que foram feitas para a Escola era participar de um projeto sobre o Córrego do Onça ou participar de um projeto de Educação na Mídia. O Projeto de Educação na Mídia eu achei mais legal, não que um projeto de educação ambiental não seja válido, mas tudo dentro do seu contexto, não pode ser simplesmente jogado. Quando fazia graduação eu vi uma Revista [Escola] onde um pesquisador da EJA falou que fez uma atividade sobre o trabalho dos alunos. Aí eu pensei que se algum dia eu trabalhasse com aluno, partindo do princípio que a maioria trabalha ou já trabalhou, eu vou abordar essa temática sim. Então, eu tinha vontade de fazer um Projeto sobre o trabalho, e aí muito apertado e ninguém querendo nenhum dos dois projetos, aí eu sugeri fazer um Projeto sobre o trabalho na reunião.
Eu sugeri e, de certa forma, as escolas gostaram, pois iria resolver um problema que a gente tinha, mas ao longo do ano eu fui abandonada e toquei o Projeto sozinha.
(Entrevista em HD 1h52', data 10/04/2012, local: MAO. Grifos nosso)

A professora Cora começou o projeto para cumprir uma exigência curricular da rede de ensino da qual faz parte. Sua experiência de leitura na graduação foi um dos motivos para a escolha do tema. A formação inicial foi interferente na estratégia de ensino que escolheu quando iniciou sua carreira. Sabemos que a teoria é um dos alicerces para uma ação criativa na educação básica.

Ao longo da execução do projeto a professora relata que “foi abandonada”, uma vez que a realização de trabalhos interdisciplinares tem sido um desafio constante na escola. No modelo de escola em que as disciplinas são saberes compartimentados e os tempos e espaços estão definidos *a priori*, a inter e a transdisciplinaridade não são tarefas das mais fáceis.

A professora Cora afirma que visitar museus com estudantes faz parte de um projeto pessoal, pois sentiu falta deste tipo de atividade quando era estudante na educação básica e no curso superior. Para a docente é uma forma de estimular

⁴ A professora Cora disponibilizou o projeto e o documentário no momento da entrevista realizada no MAO.

os estudantes e incentivar a pesquisa rompendo com a lógica transmissiva na história ensinada e, para isto, escreveu o projeto *Desvendando o primeiro de maio*.

Esse projeto foi desenvolvido com alunos que não possuíam a habilidade da leitura e da escrita com o objetivo de investigar o mundo do trabalho. A professora afirma ter realizado o projeto com vistas a estabelecer condições para que os estudantes criassem uma narrativa para as suas experiências:

Após a visita ao MAO, os alunos começaram **a mencionar como era o trabalho na época em que muitos viviam na roça**, ou seja, em que eles eram crianças. **A partir daí começamos a abordar o trabalho e a pesquisar porque o bairro no qual eles residem se chama Primeiro de Maio**. Os alunos não alfabetizados deram seus depoimentos, os quais foram filmados. Os alfabetizados, por sua vez, redigiram suas memórias, fizeram entrevistas aos moradores mais antigos do bairro. **Com esse material foi realizado um documentário sobre a História do Bairro Primeiro de Maio** que foi exibido no dia da culminância.
(Projeto escrito e disponibilizado ao pesquisador pela professora Cora)

No projeto escrito pela professora o objetivo era que os estudantes pudessem discutir as mudanças e permanências na luta dos trabalhadores pelos seus direitos, por meio das memórias em relação ao mundo do trabalho. Foram também objetivos do projeto o levantamento da história do bairro e, principalmente, a relação do seu nome com o feriado de primeiro de maio.

A professora usou a metodologia da história oral ao solicitar os estudantes que fizessem entrevistas com moradores antigos do bairro Primeiro de Maio. Essa ação foi precedida de leituras de textos didáticos e de um livro que narrava a história do bairro. O uso do método da história oral possibilitou que as memórias individuais dos sujeitos que residiam no bairro pudessem ser confrontadas com os textos escritos e dessa forma a docente abria uma discussão sobre a construção do conhecimento histórico e suas versões.

As entrevistas foram editadas e serviram de base para a gravação de um documentário com roteiro previamente definido. A ideia desde o início foi discutir o trabalho e o nome do bairro que seguia uma data nacional oficial e comemorativa para o trabalhador. O documentário baseado nas pesquisas feitas pelos estudantes, caracterizou-se como uma produção coletiva, uma vez que "ao relatarem as suas memórias, efetuarem entrevistas, perceberem informações

contraditórias que foram recolhidas – realizaram o trabalho do historiador e assim puderam perceber, na prática, como o conhecimento histórico é construído”.⁵

Este projeto abre a possibilidade de o estudante refletir sobre sua experiência no tempo, posicionando-se como agente e participante da história e não como mero espectador. Os estudantes puderam contrapor a narrativa consolidada nos livros didáticos com suas memórias individuais, provocadas pelo contato visual com a exposição do MAO.

A visita ao MAO despertou o interesse em narrativas próprias, que faziam parte de suas histórias de vida dos estudantes da EJA:

Professora Cora: Vou falar minha experiência com os adultos... O que eles mais gostam **é o Ofício dos Tropeiros, porque é da realidade deles, e uma coisa que eu acho muito interessante é que tudo que está aqui remete vivência deles no interior, então, dá para o professor perceber os conhecimentos que eles já possuem.** Eu gosto muito desse museu, principalmente pra trabalhar com adulto, até quem não é alfabetizado, pra desmistificar isto... “- Ah, eu não sou alfabetizado, portanto, eu não sei nada...”. **Outro que eles adoram é a parte das moendas que tem ali fora e que remete a questão do moer a cana. Eles também tiveram essas vivências no interior.** Outra parte que eles adoram é o Ofício dos Ambulantes, **aí eles lembram tanto do lambe-lambe pra fotografar, o carrinho de pães eles gostam muito.** Agora, pra mim como professora, aí é outro olhar... É difícil de eger mesmo o que eles gostam muito... **Ofício dos Tropeiros, dos vendedores e o Ofício da Moenda, que eu não sei como se chama. Eles colocam como “O Engenho”, mas não sei como o museu denomina.** (Entrevista em HD 1h52', data 10/04/2012, local: MAO. Grifos nosso)

A partir dos nichos expositivos, os estudantes da EJA acionam suas memórias e confrontam com os conteúdos curriculares e com o discurso dos educadores dos museus. Propõem outras possibilidades narrativas na relação com os objetos do museu e até mesmo outras possibilidades de exposição, uma vez que o acervo do MAO traz objetos da fase manufatureira, muitos usados no interior do Estado. Estes estudantes sabem a forma de lidar com este maquinário e, por vezes, até ensinam o funcionamento aos educadores de museu.

⁵ Projeto escrito e disponibilizado ao pesquisador pela professora Cora.

A exposição do MAO traz elementos da vida cotidiana em cidades rurais do Estado provocando lembranças, como no caso dos alunos da professora Cora, que viveram a experiência de uso de muitos objetos expostos. Eles conseguem estabelecer relações com sua história de vida e a proposta do museu e, dessa forma, aproximam a história narrada no MAO às suas memórias individuais. Neste caminho, refletem sobre o presente, travando um diálogo com o passado, o que exige um procedimento interpretativo.

Michael Pollak postula a pulsação advinda das memórias construídas no silenciamento e afirma o elemento contraditório na confecção de uma teia de lembranças majoritárias que são oficializadas em suportes materiais responsáveis pela manutenção de uma dada ordem vigente. Para Pollak, na sociedade contemporânea a fronteira entre o que se diz e o silêncio separam: '(...) uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor' (POLLAK, 1989, p. 6).

Estas memórias subterrâneas são expressas nas histórias de vida como ordenamento de acontecimentos que balizaram uma existência "e (...) através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros" (POLLAK, 1989, p. 13).

Os objetos expostos no MAO ressoam as experiências dos sujeitos despertando lembranças que criam outras narrativas, que estão silenciadas na exposição do museu. Greenblat admite que os objetos são potentes, revelando forças culturais complexas e dinâmicas nas quais foram criados e das quais estabelece relações com o sujeito que vê, arrebatado pela estética que prende sua atenção. Pela ressonância e encantamento são provocados gestos imaginativos relacionados aos conteúdos propostos pelo professor no momento da visita (GREENBLAT, 1991).

O projeto da professora Cora possibilitou que os estudantes narrassem suas histórias de vida aproximando o conhecimento histórico de suas experiências. Abriu também uma discussão sobre o processo de construção da pesquisa em história ao utilizar a metodologia da história oral desconstruindo a visão corriqueira de que a produção de conhecimento se dá apenas na academia em projetos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Nas salas de

aula da educação básica os professores selecionam conteúdos, investem em metodologias de pesquisa e produzem um novo conhecimento. Essa operação é diferente da praticada pelos historiadores, pois é feita em outro lugar social, dentro de uma cultura própria e em uma relação intersubjetiva interferente nos resultados finais.

3. O uso pedagógico na concepção de um museu em processo

Além da entrevista caminhante, a professora nos enviou um relato sobre suas experiências no MAO. Nesse relato estão suas impressões sobre o museu e sobre a possibilidade de ações pedagógicas que tenham significado para os estudantes, contribuindo para um ensino de história crítico e reflexivo. No trecho abaixo a docente faz referência ao projeto que desenvolveu:

Entre 2010 e 2013, fui ao MAO cinco vezes. Minha primeira experiência no Museu de Artes e Ofícios foi em meados de 2010, quando levei uma turma de discentes da escola em que trabalho em Lagoa Santa. Estes alunos pertenciam a uma turma projeto, ou seja, composta por estudantes adolescentes com dificuldades de aprendizagem e indisciplina. Meu objetivo era tratar do mundo pré-industrial, uma vez que havíamos estudado sobre a Revolução Industrial. Fiquei tão encantada com a beleza do prédio que abriga o museu e com a riqueza dos objetos que, um mês depois, levei os alunos da EJA da E M Josefina Sousa Lima (situada em Belo Horizonte), os quais também adoraram a visita. É importante notar que os alunos da EJA são moradores da cidade de Belo Horizonte e me relataram que, com frequência, passavam pela Praça da Estação, mas nunca o tinham observado, tampouco adentrado naquele espaço.

Infelizmente hoje percebo que essas visitas tiveram apenas um caráter ilustrativo do conteúdo estudado. Acredito que o trabalho que realmente explorou (mas não esgotou) as potencialidades educativas do museu foi o de 2011. Isto porque nessa visita, o meu objetivo era perceber o conhecimento prévio que os alunos tinham acerca dos diversos ofícios ali expostos e fazer uma ligação com a história do bairro no qual eles moravam: o bairro Primeiro de Maio. Após a ida ao Museu selecionei imagens sobre alguns ofícios que foram exibidas aos alunos com o objetivo de iniciar com os estudantes não alfabetizados nossa conversa sobre a "excursão". [...]

Cora. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <luciohistoria@yahoo.com.br |>, em 12 de abril de 2012.

Em sua primeira experiência a docente ficou encantada com o prédio que abriga o MAO e as potencialidades educativas dos objetos expostos. A partir daí vai ao MAO pelo menos duas vezes ao ano. A docente considera que as primeiras ações pedagógicas que realizou tiveram a lógica de ilustrar os conteúdos disciplinares. Em 2011, quando iniciou o projeto *Desvendando o Primeiro de Maio*, afirma que explorou de forma mais significativa as potencialidades educativas do museu.

Os museus são ambientes de formação e seu uso proporciona reflexões sobre os saberes e estratégias que serão mobilizadas, rompendo com limitações conceituais e práticas da educação. São ambientes que proporcionam experiências e trocas diferentes das que acontecem em uma situação relacional em sala de aula. Em uma perspectiva freireana, pode-se afirmar que acontece, no uso frequente dos museus, um processo de autoeducação (FREIRE, 2006). Quando passa a frequentar o MAO de forma sistemática, a professora Cora consegue estabelecer conexões possíveis com o saber histórico ensinado em novos usos pedagógicos:

Sei que a partir do MAO outras abordagens são possíveis, como a própria história do transporte ferroviário em Belo Horizonte, da qual o belíssimo prédio e todo o seu entorno são grandes evidências. Todavia, como já mencionei para você no e-mail, infelizmente, nós professores, na maioria das vezes, não conhecemos os locais onde levamos os nossos alunos previamente. Isto faz com que muitas vezes vejamos apenas o que nos é dado a conhecer e não percebamos as sutilezas ali expostas que poderiam originar belíssimos projetos. Ademais, como também já expus no e-mail, temos que nos preocupar também com outros problemas como a preocupação de que os alunos não toquem nos objetos e/ou indisciplina. No meu caso específico, acredito que uma vantagem para minimizar um pouco esse problema é que, como já visitei o museu, várias vezes, consegui perceber nas visitas um pouco daquilo que passou despercebido anteriormente. O que auxilia igualmente nessa recuperação é o fato desse museu poder ser fotografado pelo professor. [...]

Cora. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <Luciohistoria@yahoo.com.br>, em 12 de abril de 2012.

Em situação de experiência, a educadora exerce uma reflexão formativa evidenciando os limites da ação educativa em museus e reconhecendo a importância de uma sistematização previa à visita. Para Cora, é necessário

conhecer o museu tornando-se um visitador frequente para perceber as sutilezas inerentes a uma narrativa museal.

No relato encaminhado, a docente afirma que o fato do MAO poder ser fotografado é um diferencial, pois o que passar despercebido ao olhar pode ser retomado na escola no pó-visita. O contato visual supõe um maior aproveitamento da materialidade na aprendizagem dos registros culturais.

No projeto *Desvendado o Primeiro de Maio*, a docente investe em uma educação sensível vinculada à prática social. O uso do museu, neste caso, foi um meio de atingir outros sentidos que não estavam limitados a habilidades de leitura e escrita, ainda que estas fossem importantes ao longo do projeto. Nesse projeto entram em jogo as emoções, as paixões, as crenças tanto da professora Cora quanto de seus estudantes, que puderam partilhar suas experiências na construção de uma narrativa mediada pela experiência sensorial e corpórea.

A professora se abre à experiência ao desenvolver o projeto e por meio das sensibilidades adquiridas se forma em serviço. Uma formação que humaniza os sujeitos em um processo crítico, dialógico e reflexivo. Ainda que seja uma exigência curricular, estabelecida a partir de pressupostos da cultura escolar, o projeto rompe a forma instrumental e mecânica de sua aplicação com objetivos e metas definidas, ao incorporar o universo museal com toda a carga de imprevisibilidade trazida nestes ambientes formativos.

A professora Cora constitui-se, na expressão de Larrosa (2002), como um sujeito da experiência. Para Larrosa (2002), o saber da experiência é diferente das informações, pois está relacionado à abertura e à receptividade do sujeito. Resulta da capacidade do sujeito de estar "ex-posto", ou seja, de assumir toda a vulnerabilidade em uma situação que desconhece, mas que por suas posições diante da educação e sociedade sente a necessidade de arriscar. Para o autor:

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (LARROSA, 2002, p. 19)

O uso pedagógico do Museu de Artes e Ofícios relatado no projeto da professora Cora aproxima-se da ideia de um museu em processo, que se dá pelo canto das musas na presentificação das lembranças dos viventes. De acordo com Scheiner (2008) o museu não é o templo das musas como um espaço físico, mas o espaço de presentificação das ideias e recriação do mundo por meio da memória.

Para proporcionar essa experiência não é necessário dotar as exposições de aparatos interativos que muitas vezes anestesiam os sentidos, mas sim entender as vadiagens que ocorrem nos museus, uma vez que é no plano afetivo que a mente e o corpo se mobilizam em conjunto: "abrindo os espaços do mental para novos saberes, novas visões de mundo, novas experiências, novas possibilidades de percepção". (SCHEINER, 2003, p. 2)

Nesse sentido, as visitas com intenções pedagógicas aos museus não podem prescindir de um momento livre, no qual os estudantes poderão se relacionar com os objetos e perceberem as dimensões invisíveis da experiência para além do domínio da matéria. Essa atitude rompe com uma lógica transmissiva e propõe atos mais reflexivos aos estudantes nos museus. Se ficarem muito preso à lógica racional da escola, educadores de museu e professores acabam tolhendo aquilo que pode ser mais significativo na visita: o conhecimento que parte da informação e é elaborado pela emoção transformando-se em vivência (SCHEINER, 2003).

No projeto da professora Cora, os estudantes da EJA relacionaram-se de forma empática com a exposição do museu e produziram narrativas autorais que foram usadas para discutir os conteúdos curriculares de história. Em processo o museu pode se abrir às experiências dos sujeitos e deixar que as musas entoem seus cantos, pois como afirma Scheiner: (...) *o espaço primordial de manifestação das Musas seria então o próprio corpo do Homem-este sim, o verdadeiro templo das Musas, através do qual elas se manifestam pela palavra, pelo canto e pelos mitos de origem* (SCHEINER: 2008, p 61).

As musas entoaram seus cantos por meio da metodologia criativa usada pela professora Cora no projeto *Desvendando o Primeiro de Maio*. O uso da metodologia da história oral aliada a visita ao museu, aproximou os estudantes de suas memórias e deu novo sentido para a narrativa pública da história exposta no museu. Como afirma a docente:

Professora Cora: Então, o museu serviu assim... Com os alunos não alfabetizados o museu serviu justamente de ponte para eu perceber qual era a visão que eles tinham de mundo, como eles entendiam a realidade. Como a comunidade onde trabalho chama 1º de maio, uma referência explícita ao trabalho, a gente começou a entrar na história do bairro, primeiramente em relação às modificações que aconteceram... O que era urbano antigamente, embora muito diferente do meio rural da qual a maioria deles vieram, ainda era muito diferente daquele meio rural na qual estavam habituados, e aí começamos a fazer um Projeto sobre o trabalho, e os alunos começaram a se identificar. O mais interessante foi a turma que eu pensei em não fazer, que eu achei que não ia dar certo... Eu pensei em fazer com todas as turmas menos com essa, foi uma que gostou. Se a gente pensar que eu estava numa comunidade de uma violência muito grande, a gente começou a ver aspectos positivos no bairro deles, como uma questão cultural. Lá que aconteceu uma das primeiras reuniões comunistas em Belo Horizonte... Eles tinham na década de 90 uma feira de cultura com oficinas artísticas, com exposição de vídeo, apresentação de cantores...

Teve um aluno que chegou... “_ Professora, como é que você conseguiu aquele vídeo que foi exibido no documentário?”, porque o tio dele aparecia no vídeo, e esse aluno participa tanto da Folia de Reis quanto do Congado.

Aí eu falei assim... “Foi o pesquisador do livro que eu mostrei pra você que me disponibilizou o material...”, então, eu achei que ficou bem bacana o resultado do Projeto. Os alfabetizados participaram com entrevistas, e os não alfabetizados a gente filmou o relato de experiência deles. Deu pra valorizar essa experiência que eles tinham, e fizemos uma sessão de exibição desse documentário no dia da culminância do Projeto.

Os estudantes se interessaram pelo conteúdo da história em diálogo com suas experiências. A metodologia da história oral ampliou a possibilidade de uso da exposição museal na medida em que a docente oportunizou aos estudantes refletirem sobre suas concepções de mundo. A docente usou, também de um texto historiográfico produzido sobre o bairro que serviu de base para a realização das entrevistas com moradores e a elaboração do documentário.

Tanto professores como estudantes em momento de visita elaboram narrativas que são tensionadas com a narrativa acadêmica e a história ensinada. A narrativa elaborada é híbrida e exerce influência nos conteúdos curriculares. Os estudantes elaboram sentidos em diálogo com a história ensinada pelos professores que, por sua vez, utilizam das percepções subjetivas e propõem outras formas de entender a história, mais próxima do vivido, incorporando lembranças despertadas no contato com a exposição.

Esse movimento é interferente nos conteúdos escolares em momentos posteriores à visita em outras tramas elaboradas pelas estratégias dos docentes que fazem uso educativo do MAO. A estratégias de uso geram um saber ensinado original, em diálogo com outros materiais didáticos em sala de aula.

Considerações finais

A narrativa do Museu de Artes e Ofícios é produzida por meio de objetos, elaboração de legendas, disposição de imagens, totens multimídia e manequins. É uma forma de representação da história dos ofícios no Brasil em diálogo com a produção de conhecimento e com o uso educativo proposto pelos educadores e professores. Na presença da exposição, os sujeitos elaboram narrativas empáticas baseadas em percepções visuais e no exercício das lembranças.

O museu em processo proporciona a experiência, uma vez que as musas nos convidam a narrar nossas histórias, tornando presentes os fatos passados. As musas nos salvam do esquecimento revelando o ser por meio do seu canto. A memória existe quando provocada, não tem começo nem fim, e nem implica em cronologia: ela é a experiência, apreendida e presentificada (SCHEINER, 2008). E nesse sentido, os sujeitos são seduzidos pela exposição e estimulados a narrar suas histórias.

Os objetos estão em processo na relação subjetiva estabelecida pelos educadores e visitantes ampliando as representações possíveis que são feitas em cada nicho expositivo. O sentido não está encerrado na posição, legenda, iluminação ou outro artifício usado pela museografia ao expor o objeto em uma cadeia narrativa. Os sentidos são construídos a partir da experiência sensível, encarnada, a convite das musas e seus cantos (SCHEINER, 2008).

São sentidos construídos por meio das lembranças armazenadas na memória e não de forma mecânica e instrumental nas narrativas canonizadas. Dessa forma há entrelaçamentos entre as lembranças provocadas pela exposição e a narrativa histórica conhecida por professores, estudantes e educadores de museus. Portanto, pode-se supor que no museu tem-se uma narrativa híbrida

constituída também por imaginações, ficções, e outros fenômenos próprios da relação do homem com o mundo.

Pelas ações da docente Cora percebe-se que o uso pedagógico dos museus pode também possibilitar a experiência humana, o museu constituindo-se como processo e fenômeno, como afirma Scheiner (2008). No projeto *Desvendando o primeiro de Maio*, a docente levantou problemas, abriu reflexões e rompeu com a organização muito racional das exposições, permitindo outras leituras mais livres, que considerem o modo individual de fruição da exposição, e as relações intersubjetivas que surgem no percurso.

Referências

- BANN, S. *As invenções da História: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.
- BARBOSA, N. M. *Olhares sobre a prática docente no uso do Arte de Ofícios*. Relatório final de pesquisa de iniciação científica/CNPQ. 2010.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.
- BRAGA, J. L. M. B. *Professores de História em Cenários de Experiência*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação/UFMG. Belo Horizonte, 2014.
- DUBET, F. *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- GREENBLATT, S. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Museus em números*. Brasília: IBRAM, 2011. Disponível em <<http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/museus-em-numeros/>>. Acesso em 20 de ago. de 2010.
- KNAUSS, P. A presença de estudantes: o encontro de museus e escolas no Brasil a partir da década de 50 do século XX. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 27, n. 46, p. 581-597, jul./dez., 2011.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONTEIRO, A. M. F. da C. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.
- PEREIRA, J. S.; SIMAN, L. M. C. Educadores em zonas de fronteira - Limiares da relação museu-escola. In: NASCIMENTO, S. S.; FERRETI, C. S. (Org.). *Museu e Escola. Anais*. Belo Horizonte: Puc Minas/UFMG, 2009, v. 1, p. 1-15.CD.

_____. *Escola e Museu: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/CEFOP-PUC-Minas, 2007.

_____. Aprendizagem histórica como prática social: lições poéticas e éticas em "A Danação do Objeto: O Museu no Ensino de História". *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 47, jun., 2008.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCHEINER, T. C. Comunicação, educação, exposição: novos saberes, novos sentidos. Semiosfera. *Revista de Comunicação e Cultura*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 4-5, jul., 2003.

_____. O museu como processo. *Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museu: curadorias, exposições, ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2011.

*Recebido em 12 de Setembro de 2015.
Aprovado em 25 de Abril de 2016.*